

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e o Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Presidente da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia,
Antigo Director do Instituto de Antropologia da F. C. U. P.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia foi criada no Porto em reunião feita na Faculdade de Ciências no dia 26 de Dezembro de 1918.

Isto significa que a Sociedade existe há quase 64 anos.

Não há nascimento sem gérmen e sem condicionalismos apropriados à sua evolução.

O gérmen da Sociedade de Antropologia, pode afirmar-se, não surgiu propriamente em 1918. É mais antigo. Vem de trás e o seu período de maturação estendeu-se pelos anos que decorreram entre 1903-1908, datas da publicação dos dois grossos volumes da PORTUGALIA ⁽¹⁾, e 1918, data em que nasceu a Sociedade de Antropologia.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

⁽¹⁾ *Portugalia — Materiais para o estudo do povo português* — Pola Grey, — Director Ricardo Severo; Redactor em chefe Rocha Peixoto — Secretário Fonseca Cardoso; Tomo I, Porto, 1899-1903, 886 págs.; Tomo II, Porto, 1905-1908, 698 págs.

O seio materno que agasalhou o gérmen foi a nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto.

O Porto é não só a cidade laboriosa, onde o trabalho é timbre de honra e dignidade pessoal, mas é também a cidade que se ufana de acalentar as nobres manifestações de ordem espiritual e cultural.

No Porto viveram e trabalharam os gloriosos pioneiros da PORTUGALIA, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso e José Fortes.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia teve raízes germinais na PORTUGALIA, essa monumental revista que foi uma alvorada esplendorosa no culto das virtualidades do povo português.

Com os notáveis estudos nela publicados, mostrou-se que as raízes da nacionalidade portuguesa se inserem nos castros e citânias onde os nossos avoengos lusitanos hauriram a seiva das qualidades de valentia, corajosamente postas frente ao conquistador romano.

Mas a PORTUGALIA foi mais longe. Pelos seus estudos da pré-história, nomeadamente da cultura megalítica, mostrou que o gérmen do povo português vem mais de trás, é multi-milenário.

É que antas ou dólmenes, tão abundantes em Portugal e no Noroeste peninsular, testemunham um verdadeiro império de há mais de quatro mil anos, que, pela sua irradiação para norte, assinala, como disse Mendes Correia, uma velha talassocracia atlântica.

Se os elementos germinais são a base estrutural indispensável para que nasça o quer que seja, visto que não há nascimento sem gérmen, são no entanto necessários condicionalismos à sua evolução e à sua vivência.

Tais condicionalismos existiram. Por um lado, como já referi, por a cidade do Porto sempre acalentar as manifestações de ordem espiritual e cultural. Por outro lado, na época em que a Sociedade foi criada, a investigação científica era brilhante na nossa Faculdade de Ciências, com um Gomes Teixeira, um Ferreira da Silva, um Augusto Nobre e um Gonçalo Sampaio.

Observaram-se, é certo, os condicionalismos referidos. Mas foi a vontade decidida, o querer de Mendes Correia, que fizeram nascer a Sociedade Portuguesa de Antropologia.

Mendes Correia, homem de espírito superior, de personalidade forte e de inteligência viva, soube congregar à sua volta um grupo de homens superiores, Aarão de Lacerda, pai, Luís Viegas e Bento Carqueja, três distintos professores da nossa Universidade do Porto que, com Mendes Correia, constituíram o núcleo inicial da Sociedade.

A estes três professores se juntou um notável grupo de 30 sócios fundadores, que criaram mais um excelente condicionalismo ao crescimento vivedeiro da Sociedade de Antropologia.

Na acta da Assembleia Geral de 26 de Dezembro de 1918, lê-se, a pág. 5: «Aprovados os estatutos supra, foram pelo Senhor Mendes Correia apresentadas as adesões à nova Sociedade, dos trinta fundadores que o acompanharam na criação da Sociedade de Antropologia de entre os quais se indicam apenas os cinco seguintes, por mais directamente ligados às investigações no vasto campo das ciências antropológicas ⁽¹⁾.

Vergílio Correia — conservador do Museu Nacional de Arte Antiga e director da «Terra Portuguesa»;

Doutor Eusébio Tamagnini Matos Encarnação — professor de Antropologia da Faculdade de Ciências de Coimbra;

Doutor Baltasar Ozório — professor de Antropologia da Faculdade de Ciências de Lisboa;

Doutor Henrique de Vilhena — Prof. de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa;

Doutor José Leite de Vasconcelos — Prof. da Faculdade de Letras de Lisboa e do Museu Etnológico de Lisboa.

A evolução vivedeira da Sociedade de Antropologia deveu-se, essencialmente ao prestígio científico de Mendes

(1) No Vol. XXI, dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», dedicado ao Cinquentenário da Sociedade, nas págs. 39 e 40 pode ver-se a lista dos sócios fundadores.

Correia, e, em parte, também à estreita colaboração do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto, do qual era então seu Director o consagrado anatomista Prof. Joaquim Pires de Lima.

A Sociedade de Antropologia criou-se, cresceu e medrou com o amparo do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências, e do de Anatomia da Faculdade de Medicina e também da Reitoria da Universidade do Porto.

O primeiro é hoje Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia e o segundo Instituto de Anatomia Dr. Joaquim Pires de Lima, em justa consagração destes dois cientistas, criadores e impulsionadores dos referidos Institutos.

A Sociedade de Antropologia criou-se e cresceu tão ligada ao Instituto de Antropologia que se julga pertinente dar conta de alguns passos da vida do Instituto, que, foi, por assim dizer, o pai da agremiação científica que tomou como lêma os estudos antropológicos e etnológicos (Raciologia, Etnografia e Arqueologia), não só do Portugal metropolitano mas também dos vários povos das terras do mundo que descobriu, e onde os portugueses exerceram a sua notável acção civilizadora e cristianizante (1).

No trabalho que agora elaboramos procura-se mostrar a irmandade da Sociedade de Antropologia e do Instituto de Antropologia, ou, melhor, a sua filiação no mesmo, tão estreitas foram sempre as mútuas relações quer sob a presidência do

(1) Foi ampla a contribuição da Sociedade de Antropologia nos estudos antropológicos do Ultramar.

Sob o impulso de Mendes Correia foram criadas as Missões Antropológicas de Moçambique e da Guiné, cujas chefias foram entregues a dois sócios da Sociedade de Antropologia; a de Moçambique a mim e a da Guiné ao Prof. Amílcar Mateus.

Na Missão de Moçambique fiz 6 campanhas de trabalhos de campo em África, em 1936, 1937, 1945, 1946, 1948 e 1955.

Esta Missão em plena actividade, publicou cerca de 60 trabalhos, meus e dos meus colaboradores, companheiros na Missão. Foi pena que tenha sido extinta, ex-abrupto, um ano antes de terminar o quinquénio que lhe havia sido superiormente estabelecido. A minha insistência em pedidos

Prof. Mendes Correia quer a do Prof. Hernâni Monteiro (este sucessor de Mendes Correia) quer ainda, e também, nos anos em que fui concomitantemente Director do Instituto e Presidente da Soc. de Antropologia.

repetidos para continuarem os trabalhos de gabinete em aproveitamento dos muitos materiais em arquivo, não foi superiormente atendida.

O meu entusiasmo e dedicação pelo estudo do Ultramar continuaram, depois de Moçambique, em Angola.

Fui para Angola em Janeiro de 1969, em Comissão de Serviço, como Prof. de Zoologia e Antropologia da recém-criada Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda, Regressei à metrópole em Junho de 1971, jubilado, por em 21 de Maio desse ano ter atingido o limite de idade.

Por novo convite do Prof. Ivo Soares, então Reitor da Universidade de Luanda, voltei em Novembro de 1971 como investigador. Regressei em Junho de 1972.

Nos últimos dias de Março e primeiros dias de Abril de 1974 realizou-se em Lisboa o concurso para Prof. Catedrático de Bacteriologia e Parasitologia da Escola Superior de Veterinária de Nova Lisboa. Fui vogal do júri desse concurso, presidido pelo Prof. Fernando Real, então Reitor da Universidade de Luanda.

Num dos dias do concurso o Prof. Real gentilmente insistiu em que eu, na qualidade de Adjunto da Universidade, voltasse a Angola para continuar a trabalhar em Etnologia e Arqueologia, com alternância de trabalhos de campo em Angola e trabalhos de gabinete na metrópole.

Acedi e assentou-se que seguiria em Maio para um primeiro período de três meses de prospecção e colheita de materiais, para complemento de trabalhos lá iniciados ou já em meio fazer, alguns em colaboração com o Dr. Carlos Ervedosa, que foi meu dedicado Assistente na Universidade de Luanda.

Infelizmente com o 25 de Abril, data que resultou nada conveniente para o ensino universitário e para a investigação científica em Angola, o projecto da minha nova ida não pôde concretizar-se.

Alguns trabalhos sobre materiais colhidos nos três anos e meio que estive em Angola publiquei-os na revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e na Revista CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, criada pela Universidade durante a minha estadia em Angola, de que publiquei dois fascículos (1).

(1) No n.º 1 do Vol. I, Luanda, 1970, publicaram-se os seguintes trabalhos. *O Canário do Quanza, seus ninhos e ovos*, págs. 9 a 15, e 12 Figs. por J. R. dos Santos Júnior; *A new-leafhopper genus and species from Portugal, Lusitanocephalus sacarraoi gen. and sp. n.* (Homoptera: Cicadellidae, Deltocephalini, págs. 17-23, e 11 Figs. por J. A. Quartau; *Um caso de albicismo em Ploceus velatus velatus Vieillot*, pág. 25, 2 Figs. por Gil Duarte Ferraz de

O INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
«DR. MENDES CORREIA»
DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A reforma universitária de 1911, criou na Faculdade de Ciências do Porto o ensino da Antropologia, que já existia em Coimbra, onde fora primeiro Professor desta cadeira o Dr. Bernardino Machado, mais tarde, Presidente da República. Era Ministro da Instrução em 1911 o Dr. António José de Almeida.

A cadeira de Antropologia no Porto, começou a funcionar em 1912, com Museu e Laboratório anexos. Foi encarregado da regência o Doutor Mendes Correia, que já durante o seu curso de medicina se preocupara com alguns problemas de natureza antropológica.

Em boa hora a regência da cadeira de Antropologia foi entregue a Mendes Correia.

As suas extraordinárias qualidades de inteligência e de trabalho, o seu pertinaz interesse por tudo quanto conduzisse

Carvalho; *Ornitologia das Ilhas Selvagens — 2.ª Campanha de estudos — 1969*, págs. 27-29, e 4 Figs. por J. R. dos Santos Júnior; *Estação arqueológica de Benfica — Luanda — Angola*, págs. 31-51, e 71 Figs. por J. R. dos Santos Júnior & Carlos M. N. Ervedosa; *Lunga culo da tribo dos Bassorongos*, por J. R. dos Santos Júnior, págs. 53-56, e 7 Figs.

No n.º 2 do Vol. I, Luanda, 1971, publicaram-se os seguintes trabalhos.

Contribuição para o estudo ornitológico do Distrito de Moçamedes — Angola, págs. 63-71, por Duarte Ferraz de Carvalho; *Agallia linnavuori n. sp., a New-Leafhopper from Portugal (Homoptera: Cicadellidae, Agallinae)*, págs. 73-79, e 12 Figs., por J. A. Quartau; *A case of interspecies Predation between two colubrid snakes from Angola*, págs. 81-86, e 6 Figs., por J. A. Quartau; *Antenarídeos de Angola — Contribuição para o seu estudo*, págs. 87-92, e 10 Figs., por Carlos J. C. de Azevedo; *Peixe raro na costa de Angola*, págs. 93-94, e 4 Figs., por J. R. dos Santos Júnior; *As pinturas rupestres do Canininguiri*, págs. 95-142, e 110 Figs., por J. R. dos Santos Júnior & Carlos M. N. Ervedosa; *As cobras nas lendas e tradições indígenas angolanas*, págs. 143-154, por J. R. dos Santos Júnior.

(1) O Prof. Mendes Correia, de seu nome completo António Augusto Esteves Mendes Correia, nasceu no Porto em 4 de Abril de 1888, e morreu em Lisboa em 7 de Janeiro de 1960. Estudou no Porto, sua cidade natal, a que muito queria, e foi aluno distinto quer no liceu quer na Faculdade de Medicina.

à compreensão integral do homem, e a sua fulgurante vivacidade de espírito, levaram-no à publicação duma série de trabalhos que atestaram a sua notável actividade científica.

Os méritos do Prof. Mendes Correia, foram bem atestados não só pelos trabalhos próprios, mas também pelo incitamento e amparo dado a trabalhos dos seus discípulos e dos directos colaboradores Alfredo Ataíde, Rui de Serpa Pinto e eu próprio.

Foi reconhecido que Mendes Correia era não só um bom Professor mas possuía também qualidades para criar escola, e assim o Decreto 9334 de 29 de Dezembro de 1923, nos termos da legislação universitária, estabeleceu que o Museu e Laboratório anexos à cadeira de Antropologia fossem considerados *Instituto de Investigação Científica*.

Note-se que desde 1911 até 1923, o Prof. Mendes Correia publicara 71 trabalhos.

A proposta para a criação do Instituto de Investigações Antropológicas, dirigido pelo Prof. Mendes Correia, foi apresentada na reunião do Conselho da Faculdade de Ciências em 27 de Julho de 1923 e aprovada por unanimidade pelo Senado Universitário em 15 de Novembro de 1923.

Foi sancionada pelo Decreto 9334, Diário do Governo, de 29 de Dezembro de 1923.

As considerações feitas pelo Prof. Luís Inácio Woodhouse, então Director da Faculdade, transcritas no Decreto, foram as seguintes:

«Esta proposta do Conselho é amplamente justificada pela lista de trabalhos publicados, quer sob a forma de livros, quer de memórias e artigos, demonstrativos da sua larga actividade de investigador e ainda provado pelo número de associações científicas de que faz parte e que têm um elevado conceito dos seus numerosos trabalhos».

O Decreto, a seguir a este parecer justificativo da proposta científicas de que faz parte e que têm um elevado conceito feita pelo Prof. Woodhouse, insere a lista dos 71 trabalhos que até àquela data o Prof. Mendes Correia publicara.

Quando fui nomeado director do Instituto de Antropologia, em reunião do Conselho da minha Faculdade, formulei a proposta para que ao Instituto fosse dado o nome do seu fundador e impulsionador. A proposta foi aprovada por unanimidade o que muito me congratulou.

Desde então o Instituto passou a ter como patrono o seu fundador e impulsionador e a designação de *Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»*.

A um Instituto de Investigação compete importante papel na criação e na divulgação de ciência.

Foi dentro deste justo critério que, há anos, com a valiosa cooperação da Fundação Calouste Gulbenkian organizei os *Colóquios de Biologia* onde se fizeram lições e conferências não só de Antropologia, mas também de Zoologia e de Botânica.

Infelizmente não tive a desejada e solicitada cooperação da secção de Zoologia.

O Instituto de Antropologia desde 1918 tem colaborado na actividade da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que desde essa data funciona na Faculdade de Ciências, onde passou a ter a sua sede; alguns anos depois. A Biblioteca da Soc. de Antropologia foi incorporada na do Inst. de Antropologia.

O pessoal do Instituto, com o seu fundador e director na vanguarda, participou em muitas reuniões científicas no país e no estrangeiro. Além do ensino universitário tem realizado conferências e cursos livres em Sociedades e centros de instrução do Porto e de outras cidades de Portugal e de outros países, bem como das nossas províncias ultramarinas.

Em 1916 o Prof. Bethencourt Ferreira efectuou na Faculdade um curso livre Antropologia Criminal.

Em 1933 o Prof. Mendes Correia e o Assistente Dr. Alfredo Ataíde fizeram um curso de Antropologia na Faculdade de Medicina do Porto.

O Prof. Mendes Correia fez 14 lições e conferências sobre Antropologia no Rio de Janeiro e em São Paulo por iniciativa das respectivas Universidades.

Uma sua conferência, feita no Porto entre as conferências preliminares da Exposição Colonial, tratou das *Raças das Colónias Portuguesas*.

Eu mesmo, como chefe da Missão Antropológica de Moçambique, fiz algumas conferências em Lourenço Marques, Beira, Tete e Porto Amélia e ainda na Universidade Central de Madrid e no Institut International d'Anthropologie de Paris.

AS INSTALAÇÕES DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

Com a criação da cadeira de Antropologia em 1912 criou-se também um Museu e Laboratório que foram instalados no recanto sudeste do último andar do edifício da Faculdade, nas instalações que, no projecto do edifício, se tinham destinado a residência do guarda.

Eram cinco divisões. Numa sala instalou-se o gabinete do Director e Biblioteca; outra tinha estantes onde se arrumava a colecção, quase totalmente identificada, de crânios e esqueletos portugueses, e que, ao mesmo tempo, servia de gabinete de trabalho do Assistente e do Conservador; uma terceira sala, a maior, tinha em exposição as colecções de Pré-história e de Arqueologia; na sala de entrada do Instituto expunham-se as colecções de Etnografia e de Antropologia Colonial; ao lado, na quinta sala, era o Laboratório onde frequentei Antropologia, de que o Mestre Mendes Correia foi nosso Professor e Assistente.

Aquelas instalações eram acanhadas. Insuficientes para arquivo das colecções obtidas pelo Instituto e para a sua conveniente exposição nas duas pequenas salas do Museu.

Sob a superior orientação do Mestre Mendes Correia, pode quase dizer-se que se realizavam prodígios para acomodar

aquelas acanhadas instalações às exigências do trabalho pedagógico e científico, e ao arquivo, conveniente arrumo e exposição dos materiais colhidos em trabalhos de campo.

Como preparador-conservador que fui do Instituto, e naquelas primeiras instalações, sei bem as dificuldades que a cada passo surgiam e tinham de se resolver com os poucos elementos de que dispunhamos.

Escreveu o Prof. Mendes Correia que foi «em péssimas condições de instalação» que naquele Instituto se trabalhou tanto, pelo menos, como naqueles Institutos bem apetrechados».

Depois, em 1935, o Instituto mudou-se para a sobreloja de parte da fachada poente do edificio da Faculdade de Ciências, onde se instalaram a secretaria do Instituto, os gabinetes do Director, do Naturalista, do Assistente e do Conservador, a biblioteca e a sala de aulas e de trabalhos práticos. Havia mais uma sala interior, sem janelas, que passou a servir de armazém e arquivo. Ao Instituto foram atribuídos mais dois salões. Um grande, com galeria, que tinha sido o salão nobre da Faculdade de Engenharia quando esteve instalada no edificio da Faculdade de Ciências, antes de se transferir para edificio próprio, na Rua dos Bragas.

O outro mais pequeno no rés-do-chão foi a sala das oficinas da mesma Faculdade de Engenharia. No salão maior instalou-se o Museu metropolitano; no salão mais pequeno o Museu Ultramarino. Nele avultavam os materiais colhidos pela Missão Antropológica de Moçambique, que chefei durante 20 anos, e pela Missão Antropológica da Guiné que foi chefiada pelo Prof. Amílcar de Magalhães Mateus (1).

Quando fui nomeado director do Instituto, na convicção, em que há muito estou, de que um museu fechado é um contra-senso, pretendi abrir ao público estes dois salões do Museu, instalados em corpos diferentes do edificio e separados um do outro mais de 50 metros.

(1) É lamentável que este pequeno salão tenha sido cedido, há poucos anos, esta cedência obrigou a desfazer o Museu Ultramarino.

Durante anos sucessivos pedi, insistentemente, dois guardas ou contínuos para a abertura conjunta dos dois salões.

Deram apenas um guarda. Foi considerado conveniente aguardar a nomeação dum segundo guarda, para se abrir ao público todo o museu, isto é, fazer-se a abertura concomitante do salão metropolitano e do salão ultramarino.

Tanto as instalações do Museu como as dos restantes serviços do Instituto eram insuficientes.

O museu e a biblioteca já se estendiam pelos corredores.

Havia colecções em arquivo para as quais o Instituto não dispunha, já não digo as condições para a sua conveniente exposição, mas nem sequer para a sua conservação. Algumas podiam correr o risco de se perder, por absoluta falta de meios para a sua manutenção dentro dos elementares princípios museológicos.

Foi pena que se não tivesse pensado a sério na criação do Museu de História Natural da Universidade, como preconizei em comunicação que apresentei no 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais em 1941 (1) e que então se poderia ter instalado em edifício a construir na velha praça do peixe ao fundo do Jardim da Cordoaria, onde hoje se ergue o Palácio da Justiça.

O grande Museu de História Natural faria sair do edifício da Faculdade os museus de Zoologia, de Antropologia e de Mineralogia que passavam a ficar convenientemente instalados, e a Faculdade ganharia espaço para as suas necessidades escolares, pois já então era notória a insuficiência de salas de aula, de trabalhos práticos e de gabinetes de trabalho do pessoal docente e técnico.

As actuais instalações do Instituto de Antropologia até 1971, todas elas eram duma insuficiência confrangedora. A Biblioteca, que tem incorporados os livros da Sociedade Portuguesa de Antropologia, transbordou e derramou-se pelos corredores, o

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Museu de História Natural da Universidade do Porto*, in «Actas do I Congresso de Ciências Naturais, Lisboa, 1941, págs. 329-332, 2 Figs.

mesmo sucedeu com o museu. Dentro de pouco os próprios corredores e os vãos das janelas atingiriam a saturação.

Havia pois que pensar na criação de mais espaços indispensáveis ao natural crescimento e expansão do Instituto de Antropologia, para conveniente instalação do seu sector escolar, Biblioteca e Museu.

PESSOAL DO INSTITUTO

O pessoal permanente então (1971) atribuído ao Instituto, respectivo Laboratório, Museu e ao ensino da Antropologia, era: um Professor-Director, um Professor extraordinário, um Assistente, um Naturalista, um Preparador-Conservador, um Catalogador do Museu e Laboratório, um contínuo e um guarda.

O Professor extraordinário e o Assistente eram comuns ao ensino da Zoologia, visto que a Antropologia ainda não fora individualizada, continuava ligada à Zoologia, ambas constituindo o 3.º grupo da secção de Ciências Naturais da Faculdade de Ciências.

Nas últimas malfadadas reformas das Faculdades de Ciências, a Antropologia continuou tal e qual como foi criada em 1911. Facto tanto mais para estranhar quanto é certo que a Antropologia em todo o mundo, e nomeadamente nas Universidades da América do Norte, atingiu há muito foros de justa individualização, com a criação de novas cadeiras e cursos de Antropologia Social, Antropologia Cultural, Genética Humana, Antropologia, Constitucionalística, etc. formando um importante grupo das Ciências Humanas.

Propus que este grupo das Ciências Humanas se organizasse na nossa Faculdade, de início, em paralelo com a Antropologia Cultural.

A Antropologia Cultural seria cadeira a criar. Aliás já esteve prevista a sua criação aquando do centenário de Almeida

Garrett (1). A Sociologia, que vinha a ser dada por Professor do departamento de Química, seria integrada com a Antropologia Geral e a Etnologia ou Antropologia Cultural a formar o grupo das Ciências Humanas. Nada consegui infelizmente, e por erro de visão, a minha proposta não foi sancionada (2).

O pessoal do Instituto era manifestamente insuficiente.

Nos anos em que fui seu director pedi a criação de mais pessoal técnico, mas em vão.

Impunha-se a criação de dois lugares de Naturalistas, dois ajudantes de Naturalistas, um Antropometrista, um colector, um catalogador da Biblioteca e ajudantes auxiliares de laboratório.

Além do pessoal permanente do Instituto ali trabalharam alguns alunos inscritos na cadeira de Antropologia na elaboração de trabalhos especiais complementares da sua frequência.

Ali trabalhou, e esteve instalado durante alguns anos, o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, no qual Jorge Dias e os seus colaboradores realizaram trabalhos altamente meritórios, muitos publicados na revista da Sociedade de Antropologia.

Vários colaboradores científicos temporários ali encontraram o conselho e o amparo do Mestre Mendes Correia e o ambiente necessário para a realização dos seus estudos.

Algumas teses de Medicina e outros trabalhos ali foram elaborados.

(1) Aquando do Centenário de Almeida Garrett, o Prof. Américo Pires de Lima publicou no Jornal de Notícias do Porto um artigo em que sugeria que na Universidade do Porto, terra natal do poeta, se criasse a cadeira de Antropologia Cultural ou Etnografia, consagrada a Garrett que foi o primeiro a estudar o nosso folclore.

(2) Numa reunião do Conselho da minha Faculdade expus as vantagens da criação da cadeira de Antropologia Cultural, anexa à de Antropologia Geral existente desde 1911, criação que seria, ao mesmo tempo homenagem à memória do grande portuense Almeida Garrett. Não consegui convencer os Professores da Faculdade, meus colegas, e o meu voto não foi aceite.

Uma dessas teses, *Grupos hemáticos nos portugueses*, por Adélia Seirós da Cunha, foi o primeiro trabalho publicado sobre os grupos sanguíneos nos portugueses.

Foi também no Instituto que o Dr. Cláudio Ferreira começou as suas investigações sobre a Reacção de Manoiloff.

Entre os mais prestantes colaboradores do Instituto, como escreveu o Prof. Mendes Correia, merece ser lembrado, com saudade e reconhecimento, Rui de Serpa Pinto, que foi distinto Assistente de Geologia da nossa Faculdade de Ciências, e um excelente e lealíssimo companheiro.

O INSTITUTO E A ANTROPOLOGIA DAS NOSSAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

Como o Prof. Mendes Correia escreveu na *Notice sommaire* do Instituto, distribuída em 1930 por ocasião do Congresso Internacional de Antropologia, realizado nesse ano no nosso país (Porto-Coimbra), ao Instituto «l'Anthropologie a toujours mérité um intérêt spécial. Oû a mis a profit les matériaux envoyés des colonies et spécialement les observations nombreuses, laissées inédites et encore sans coordénation par Fonseca Cardoso».

De facto o Prof. Mendes Correia soube utilizar os materiais enviados das nossas províncias ultramarinas por inteligentes e meritórios cooperadores.

Foram numerosas, e importantes, as observações colhidas por Fonseca Cardoso, glorioso redactor da monumental revista PORTUGALIA, e notável antropologista, que foi o criador da Antropologia Colonial, pois foi o primeiro a fazer estudos de somatologia étnica dos povos e raças das nossas províncias ultramarinas.

Essas observações foram de etnografia do Moxico (Angola) e de antropologia dos Quiocos, Luimbés, Luenas, Lutchazes, Bimbundo, Andulos, Ambuelas-Mambundas e Camussequeres (de Angola) e timorenses de Okussi e Ambeno.

Em Angola Fonseca Cardoso fez mais de 400 observações antropológicas no vivo e em Timor mais de 100.

Estes quantitativos são importantes. As memórias publicadas por Mendes Correia sobre esses materiais, foram elogiadas por grandes antropologistas como Verneau e citadas com justo relevo por Montandon, Struck, etc.

O Museu possuía já um conjunto razoável de materiais provenientes da Guiné, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor.

Havia crânios e alguns esqueletos completos da Guiné, de Moçambique e da Índia portuguesa e alguns crânios de indígenas de Angola.

Em Etnografia, o museu possuía, além dos materiais colhidos pelas Missões Antropológicas da Guiné e de Moçambique, bastantes materiais de todas as nossas províncias ultramarinas.

Alguns desses materiais são peças de grande valor artístico e cultural que têm sido fotografadas e estudadas por alguns atnógrafos estrangeiros.

Muitos desses materiais foram oferecidos por vários colonialistas e suas famílias.

A pré-história ultramarina estava representada por achados da Guiné, descobertos pelo Prof. Amílcar Mateus, algumas peças isoladas de Angola e por abundante material paleolítico de várias estações descobertas em Moçambique pela minha Missão Antropológica.

Estavam em arquivo no Instituto de Antropologia algumas reproduções a cores, em tamanho natural, de algumas pinturas rupestres por nós estudadas em Moçambique. Entre elas as pinturas da serra Chicolone onde em consequência dum ataque por enxame de abelhas sofreu uma queda de 13 ou 14 metros de altura dum penedo onde estudava umas pinturas animalistas.

A suspensão ex-abrupto dos trabalhos de Gabinete da minha Missão Antropológica de Moçambique não permitiu prosseguir no estudo, para publicação, dos muitos materiais em arquivo no Instituto.

Do Instituto e por iniciativa do Prof. Mendes Correia saíram duas Missões Antropológicas, a da Guiné, chefiada pelo Prof. Amílcar Mateus e a de Moçambique que chefieei durante 20 anos.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia, da qual o Prof. Mendes Correia era Presidente, aquando da exposição Colonial do Porto em 1934, tomou a iniciativa de organizar o 1.º Congresso de Antropologia Colonial, ao qual foram apresentados grande número de trabalhos que estão publicados nos dois volumes das Actas desse Congresso.

Na Exposição Colonial do Porto de 1934 o Instituto, com a colaboração dos alunos de Antropologia e de outras pessoas, fez o estudo antropológico dos indígenas ali reunidos.

Observaram-se caracteres descritivos e antropométricos, grupos sanguíneos, metabolismo basal, e alguns caracteres fisiológicos e psicológicos em 313 nativos da Guiné, de Angola, de Moçambique, da Índia portuguesa, de Macau e de Timor.

O interesse do Instituto pelo estudo da Antropologia das nossas províncias ultramarinas foi atestado pelos trabalhos do seu pessoal permanente ou temporário ou pelos trabalhos que diligenciou imprimir e foram os seguintes, publicados nas págs. 20 e 21 do seu trabalho *O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e a investigação científica colonial*.

1. A. A. Mendes Corrêa — *Sobre três crânios de negros Mossumbes*, Pôrto, 1915.

2. Idem — *Timorenses de Okussi e Ambeno (Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso)* — «Anais da Acad. Polit. do Pôrto», Coimbra, 1916.

3. Idem — *Antropologia timorense* — «Revista dos Liceus», Pôrto, 1916.

4. Idem — *Antropologia angolense — I — Quiocos, Luimbes, Luenas e Lutchases (Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso)* — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», Lisboa, 1916.

5. Idem — *Sôbre alguns crânios da Índia Portuguesa* — «Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto», Pôrto, 1917.

6. Idem — *Antropologia angolense — II — Bi'n'Bundo, Andulos e Ambuelas-Mambundos (Notas antropológicas sôbre*

observações de Fonseca Cardoso) — «Archivo de Anat. e Anthr.», Lisboa, 1918.

7. Idem — *Notas antropológicas sôbre os Luangos da região dos Dembos* — «O Instituto», Coimbra, 1922.

8. Américo Pires de Lima — *Contribuição para o estudo antropológico dos Indígenas de Moçambique* — «Anais Sc. da Fac. de Med. do Porto», vol. IV, Pôrto, 1918.

9. Idem — *Notas etnográficas do Norte de Moçambique* — «Anais Sc. da Fac. de Med. do Porto», vol. IV, Pôrto, 1918.

10. Fonseca Cardoso — *Em terras do Moxico. Apontamentos de etnografia angolense* — «Trabalhos da Soc. Portug. de Antr. e Etnol.», Pôrto, 1919.

11. J. Bethencourt Ferreira — *Notas craniológicas sôbre alguns crânios indianos* — «Arch. de Anat. e Anthrop.», Lisboa, 1926.

12. A. A. Mendes Corrêa & Alfredo Ataíde — *Contribution à l'Anthropologie de la Guinée Portugaise* — «C.-R. du XV.º Congrès Intern. d'Anthr. et d'Archéologie Préhistorique — Coimbra-Pôrto, 1930», Paris, 1931.

13. Rui de Serpa Pinto — *Prehistória angolense* — «Trabalhos da Soc. Portug. de Antr. e Etnol.», t. IV, Pôrto, 1931.

14. Idem — *La préhistoire de l'Afrique Portugaise* — «C.-R. du Congrès de Paris de l'Institut Intern. d'Anthr., 1931» — Paris, 1933.

Na revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia, que desde 1918 teve as suas reuniões científicas na Faculdade de Ciências do Porto, e cuja sede é, desde há muitos anos, na mesma Faculdade, além dos estudos mencionados na lista que acabamos de dar, publicaram-se outros estudos sobre Antropologia do nosso Ultramar dos Srs. Tenente-Coronel Leite de Magalhães, do Major David Magno e bem assim dos Professores Hernâni Monteiro, Luís de Pina, Sousa Pereira e Álvaro Rodrigues e Dr. Constância de Mascarenhas. Os do Prof. Hernâni Monteiro e seus referidos discípulos baseados em investigações realizadas no Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto dirigida pelo Prof. Joaquim Pires de Lima.

Este grande anatomista e os referidos investigadores, em palavras do Prof. Mendes Correia, deram à Antropologia das nossas províncias ultramarinas, especialmente em craniologia e na Antropologia das partes moles uma contribuição valiosa e dedicada.

Ao 1.º Congresso Nacional de Antropologia Colonial, pelo pessoal e colaboradores do Instituto, entre os quais alguns alunos da Antropologia foram apresentados os 26 seguintes trabalhos que na sua maior parte se baseavam em observações realizadas pelo pessoal do Inst. ou por sua orientação, e incidiram nos 313 indígenas reunidos na Exp. Col. Portug. feita no Porto em 1934.

1. A. A. Mendes Corrêa — *Os mestiços nas colónias portuguesas.*
2. Idem — *Valor psico-social comparado das raças coloniais.*
3. Idem — *Ruínas arqueológicas de Zimbábue e a arqueologia de Moçambique.*
4. J. Bethencourt Ferreira — *Sistemática etnológica de algumas populações indús.*
5. Idem — *Sôbre emblemas de carácter ritual.*
6. Idem — *Acêrca de tatuagens em relêvo.*
7. Alfredo Ataíde & Luís de Pina — *Correlação entre o ângulo da inserção da orelha e o ângulo facial.*
8. Alfredo Ataíde — *Fonseca Cardoso e a Antropologia Colonial.*
9. Idem — *Tempos de reacção nos indígenas das colónias portuguesas.*
10. Idem — *Ergografia nos indígenas das colónias.*
11. Joaquim R. dos Santos Júnior — *Contribuição para o estudo dos grupos sanguíneos nos indígenas das colónias portuguesas.*
12. Idem — *Rui de Serpa Pinto e a Arqueologia de Angola.*
13. Luís de Pina — *As impressões digitais nos indígenas coloniais portugueses.*
14. Idem — *Miologia étnica: os músculos gémeos da perna dos negros.*

15. Idem — *Tipos constitucionais nos negros africanos.*
16. Idem — *Teses médicas portuguesas sôbre assuntos coloniais.*
17. Ângelo Maia Mendes — *Correlação entre a estatura e o índice cefálico nos Negros.*
18. Idem — *Correlação entre o índice cefálico e o índice torácico nos Negros.*
19. Fernando Pires de Lima — *Contribuição para o estudo da arte indígena de Moçambique.*
20. Amílcar de Magalhães Mateus — *Cânones antropométricos em indígenas masculinos das colónias.*
21. Idem — *A habitação indígena em Angola.*
22. Jorge A. Martins d'Alte — *Índice esquelético nos indígenas das Colónias.*
23. Arnaldo Roseira — *Índice bárioico nos indígenas das colónias.*
24. Idem — *Notas folklóricas sôbre S. Tomé.*
25. Leopoldina Ferreira Paulo & Emília Duarte de Oliveira — *Cânones antropométricos das mulheres indígenas das colónias.*
26. Maria Adelaide Areosa — *A visão das côres nos indígenas das colónias.*

Até 1971, data em que atingi o limite de idade e deixei de ser Director do Instituto, sempre trabalhei procurando seguir a rota que vinha sendo seguida por Mendes Correia e seus colaboradores.

O Instituto, como o Mestre havia dito e me permito repetir, trabalhou tanto, pelo menos, como alguns Institutos bem instalados e bem apetrechados.

Com o pouco pessoal que dispunha trabalhou em todos ou quase todos os capítulos da Antropologia.

Mas há ainda muito, mesmo muitíssimo a fazer em todos eles e em novos capítulos.

O Instituto, depois da morte de Mendes Correia em 1960, não deixou de prosseguir na patriótica tarefa do estudo do povo português, que era multirracial e multicontinental.

O Instituto tem-se esforçado em estudar o nosso povo nos aspectos somático, biopsíquico e nos seus usos e costumes, ou seja na sua Etnografia, usos e costumes que Almeida Garrett no seu livro *Viagens na minha terra* exalta nos seguintes termos: «o que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as lendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas... O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros».

Garrett foi, sem a menor dúvida, um grande apaixonado de muitos aspectos do nosso folclore.

Em *Obras completas de Almeida Garrett*, grande edição popular ilustrada, em 2 grossos volumes, prefaciada, revista, coordenada e dirigida por Theophilo Braga, no Vol. I, Lisboa, 1904, de 836 págs., há o capítulo «Romanceiro».

Neste capítulo Garrett publica nada menos de 37 xácaras ou «romances» populares.

O n.º 1 é o da *Bela Infanta* e o último, o 37.º é *O Marquez de Mântua*.

Cito apenas alguns dos mais correntes na tradição popular da metade norte do nosso país: *Donzela que vai à guerra*, *A nau catrineta*, *Dom Beltrão*, *Dom Gaifeiros* e a *Peregrina*.

Em todos os 37 romances populares, Garrett faz eruditas e justas considerações em estudo de Etnografia pura e comparada, ou seja de precisa e recta Antropologia Cultural, matéria em que Garrett foi um precursor, além do mais que muito exalta os seus estudos das manifestações populares que estudou.

Isto bem merecia, como manifestou o Prof. Américo Pires de Lima, em artigo publicado no «Jornal de Notícias», e como atrás referi, a criação na Universidade do Porto, de uma cadeira de estudos científicos populares em homenagem à memória de Garrett.

A proposta que nesse sentido fiz ao Conselho da minha Faculdade de Ciências, não obteve o acordo dos colegas, o

que, repetindo o que disse atrás, considero ter sido um erro profundamente lamentável.

O meu sucessor na cátedra de Antropologia e no Instituto, o Prof. Machado Cruz, honra lhe seja feita, conseguiu aumentar o quadro do pessoal e as respectivas dotações, o que permitiu alargar as condições de trabalho.

O Instituto e a Sociedade de Antropologia continuam irmanados, tanto que a biblioteca da Sociedade está integrada na do Instituto.

O Instituto, com o pessoal que agora dispõe, poderá, folgadoamente, continuar no desempenho das atribuições que lhe são inerentes.

É de esperar que as tarefas não só prosseguirão, mas, certamente, serão ampliadas.

Auxiliar e prestigiar o Instituto de Antropologia e a Sociedade de Antropologia, com ele irmanada, trabalhando cada vez mais e cada vez melhor, é certamente o intento de todos quantos trabalham no Instituto no vasto campo das investigações antropológicas, missão que nobre e patrioticamente lhes compete.

Assim proceder será a melhor maneira de prestar homenagem à memória do patrono do Instituto, o talentoso investigador de relevantes qualidades que foi o grande Mestre Mendes Correia, cuja obra quer no âmbito da nossa Faculdade de Ciências quer da nossa Universidade, avultará com o tempo, como um nobre exemplo de amor ao trabalho, sempre com o espírito atento e os olhos postos em alevantados ideias de paz, de amor e de justiça.